

Carta a Mozart Soriano Aderaldo

Francisco Carvalho

Acabo de ler sua admirável "HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA e Crônicas Sobre a Cidade Amada", recém-editada pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar. De tanto que gostei do livro, sinto-me no dever de manifestar-lhe, aqui, o meu aplauso e admiração pelo seu brilhante desempenho como estudioso dos assuntos relacionados com a paisagem humana e arquitetônica da Fortaleza antiga.

Depois da leitura atenta e vagarosa do seu mencionado livro, chego facilmente à conclusão de que só uma pessoa que tivesse estreita e profunda convivência com atividades da pesquisa histórica, poderia nos brindar com tão rico e copioso manancial de informações sobre os primórdios da nossa Capital.

Importante assinalar que você não pertence àquela estirpe de historiadores que só costumam trabalhar dentro de raciocínios esquemáticos, e que só enxergam o fato histórico desvinculado de qualquer sentimento estético. Você, pelo contrário, nos transmite os fatos com emoção e, talvez por isso mesmo, lhes atribui qualidades e valores artísticos que os enriquecem extraordinariamente.

Quando vocês, por exemplo, traça uma espécie de roteiro sentimental das ruas da Fortaleza antiga, o historiador sagaz e competente não se limita a fazer o registro seco e objetivo dos imóveis, descrevendo-lhes os números, as fachadas, a configuração do terreno, a quantidade das portas e janelas, outros componentes arquitetônicos que lhes definem a qualidade e a origem. Você faz um levantamento dos dados concretos de cada imóvel, é verdade, mas lhes acrescenta um valor afetivo de maior importância, quando nos desenha o perfil moral e sentimental dessas pessoas.

Bastaria mencionar, aqui, o que você escreve sobre a casa n.º 1404 (p.90), onde morou o velho Marcos da Silva, dedicado às Conferências Vicentinas. Você faz uma crônica sentida sobre a comovente figura desse velho e nos emociona quando nos dá notícia da situação de pobreza em que ele vivia, “por ser tão pobre como Job. Como que o vejo ainda, com os olhos da alma, a arrastar-se, velhinho, pela sala de visitas de sua casa, janelas abertas para a ficiência do seu trabalho, ou pelas calçadas que o levavam ao Prédio Vicente e à Igreja do Coração de Jesus, algumas quadras distantes... E não me contenho, rezando baixinho: São Marcos Santeiro, rogai por nós”.

É possível que um texto desta qualidade e desse teor poético não agrade plenamente a certos pesquisadores empedernidos, cujas almas só costumam experimentar o êxtase das coisas objetivas. No que me diz respeito, sou de opinião que a história feita por esse modo, mistura de racionalidade e de emotividade, ganha uma dimensão mais profunda e duradoura, justamente por vislumbrar os fatos à luz de uma cosmovisão mais abrangente e mais universal.

Não tenho, evidentemente, a pretensão de entrar no mérito do seu livro, uma vez que me faltam saber e competência para tanto. Desejo apenas dizer-lhes da enorme satisfação que experimentei ao viajar nas páginas de suas crônicas históricas. Guiado por você, empreendi uma viagem sentimental por algumas das antigas ruas de nossa Capital, para onde me transferei desde 1946, há quase 50 anos, portanto. Foi como se parasse em cada uma dessas casas e travasse conhecimento com as pessoas que ali viveram. É algo fascinante, esse mergulho no passado, esse encontro (ou re-encontro) com pessoas que viveram noutros tempos e que de alguma forma, iluminados pela aurora metafísica, continuam a existir no legado de reminiscências que nos deixaram.

E que dizer dos capítulos do livro dedicados aos “Velhos e Belos Nomes de Ruas” da Fortaleza antiga! Lendo esses capítulos,